

QUINTA-FEIRA
Lisboa--15 de Março-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

95



sempre
fixe semanario humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



ADELINA ABRANCHES



Os ditos da semana



Os urubus e as urubus

Dois namorados vendo-se quasi à beira do casamento, e querendo evitar a catastrophe, precipitaram-se do Pão de Assucar e morreram. Não querendo talvez juntar-se por toda a vida, juntaram-se por toda a eternidade, só para se não aturarem um ao outro.

Vieram os urubus, que são aves de rapina, cujo prazer, ao que parece, consiste em devorar carne de noivos, e descobriram os cadaveres pelos quais ainda ninguém tinha dado.

Isto não seria possível em Portugal, terra de senhoras visinhas cuscovilheiras que dão fé de todos os nossos passos e sabem sempre por onde a gente anda, especialmente em se tratando de namorados.

Neste belo jardim da Europa, onde não ha pão nem assucar, os suicidas teriam sido observados desde que puzeram pé na rua até que ultrapassaram os hombrais da morte. As senhoras visinhas encarregar-se iam de os seguir, só pelo prazer de poderem contar à gente do sitio, o local preciso onde eles teriam trocado o ultimo beijo.

Se o Brazil tem os seus urubus, tem Lisboa as suas urubus de meias de seda e cabelo à *Garçonne*, que só nos não devoram a carne porque se contentam em nos comer os olhos da cara.

S ou C cedilhado

O sr. dr. Leite de Vasconcelos escreveu uma carta ao *Seculo*, porque o chamaram a terreiro, sobre o uso do s e do ç, e dá as suas razões, atravez dum amigo que se prontificou a escrever a carta, porque o illustre filologo, que deu uma canelada, não pode escrever por sua mão, ou melhor, por seu pé, já que de uma canelada se trata.

Escreve-se com s ou com ç conforme dêr na gana a cada um; mas ha palavras que têm as suas exigencias. Chouriço,

por exemplo, nunca poderia escrever-se com s.

Aquela cedilha precisa estar ali para dar a ideia da pontinha do cordel com que se ata a tripa. Tirar-lhe a cedilha era entornar o chouriço. Graça sem cedilha não tinha graça nenhuma, e poço com dois ss era um poço com agua inquinada, tanto se parecem os ss com os microbios dos viveiros do sr. Carlos Pereira. Escreve-se sapato com s e ha-os até com ff e rr de todas as côres nos pés das senhoras, mas nós temos a impressão de que com ç sempre haviam de durar mais. Aquela cedilha miraculosa

faz lembrar o tacão e a gente não gosta de vêr uns sapatos cambaios.

Escreva cada um como quiser sem se preocupar com semelhanças, com etimologias, nem com historias. O que é preciso é pôr os cc nos seus logares. Lá porque uma palavra se escreve com s, não é razão para que outra com s tambem se escreva.

Se eu disser *assucere* chamam-me ignorante, e exigem-me que diga *assucar*, mas não consentem que escreva *enrofar*. Ora poço... com c cedilhado,

Mas ha incongruencias dignas de registro.

SARMENTO DE BEIRES



Beires que está mesmo á beirinha de fazer um novo raid a qualquer parte do mundo. Europa, Asia, Africa, America, Oceania, tudo lhe serve. A sua bravura vai a toda a parte, e em toda a parte encontra terra portugueza

Não se compreende que havendo no alfabeto o q de rabo, se escreva certa palavra, curta e recatada, com o curvo.

Um anuncio curioso

Recortamos dum jornal:

EDEN CLUB

Fornece almoços e jantares na séde a 12\$50 por dia e aos domicilios pelo mesmo preço, de amanhã em diante, não dá criado nem loiça.

O anuncio é curioso e suggestivo mas não nos chega a fazer crescer agua na boca, porque lhe falta o menu. E' o que se pode chamar um menu negativo. Não diz o que se come. Diz apenas o que se não come—nem loiça nem criado. Quem quizer almoçar tem que levar a tija.

Mas o mais extraordinario é que o Eden Club já não sirva criado. Galo por galinha, galo por lebre, e pão de lixo por pão de farinha, já nos têm dado em muitos restaurantes chics, mas criado *soufflet* com batatinhas, nunca nos foi servido em parte alguma e já agora ficaremos sem lhe saber o gosto, porque hontem se acabou no Eden Club o delicioso *acépice*.

Lamentamos a resolução tomada, mas não apresentamos os nossos protestos. Nós bem sabemos quanto custa um criado alugado ao mez, sem ser para consumo, e por isso avaliamos perfeitamente quanto pode custar um criado gordo, anafado e tenro, para ser servido em costeletas ou bifés de cebolada.

Já agora ficaremos sem comer duas coisas em toda a nossa vida: pavão e criado de servir. De resto sentimo-nos em boa companhia, porque tambem já ao Fialho tinha acontecido o mesmo, pelo menos no que diz respeito ao pavão. Quanto ao criado já não dizemos nada porque o facto pode ter-se dado sem ninguem o saber, por ambos se terem calado.



Dizem que o cinema é uma arte muda. É um engano. Pelo menos, a avaliar pelo que tem sido os acontecimentos destas últimas semanas, em que eu, velho pioneiro de aventurada e desinteressada causa, tenho sido o único que confirma o mutismo da arte, conservando-me mudo como um pargo com molho de tomate. Pelas outras bécas e pelas outras colunas jornalísticas vai um arrazoado pene-infernal, propaganda de barulho, revolução intestina, que faz córar de inveja a sôpa de coentros.

O *Seculo* zumbiu, o *Espectaculo* apitou, o pai-*Diario* zombou, o *Sport*, *Cinema e Teatro* berrou tanto que arreventou, o *Seculo* voltou a zumbir, o pai-*Diario* não voltou a zombar e o *Espectaculo* deu um espectáculo á borliu que valeu por todas as fitas do Pencudo.

Tudo aquilo por causa do *Peter Pan*, que deu sarilho no *Puerto*, o tal Pedro que não tem azas mas abôa. Faz-me lembrar o «Sola, sapato, rei, rainha, as meninas a correr, os cavalos a aprender...»

Fôra da mais ou menos diaria prosa, a chinfraneira não tem sido menor:

O Tivoli mentiu, descaradamente, anunciando *A ultima careta*. Quantas caretas ele fez depois, por causa do *Beau Gestel* Deve ser fruta do tempo, que tem estado com cara de poucos amigos. Mas tudo acaba em bem, e lá vamos ter o Ronald Colman a morrer todas as noites, durante quinze dias (!), sem contar com as *matinées* (as crianças acompanhadas de suas famílias tem entrada gratuita). Esta semana val uma fita que é um símbolo: *Quo vadis?*... A bom entendedor... E ainda resta saber as caretas que ele val fazer por causa do S. Luis, que não está preso pelo nariz, nem tem pulgas que saltem na balança.

O Odéon, por agora, dormiria socego se não fosse o charivari que fazem atrás da tela. Os *maples*, habituados a estar á boa vida, vão protestar contra a pouca vergonha de haver espectadores de peso capazes de largar 17\$50 só para repusar as banhas. A porta, todos os dias, desfila *A Grande Parada* dos descontentes. Nem todos ouvem com boa cara a costumada réplica: «O cavalheiro só arranja *fautouit* para o Natal. E olhe que só marcamos na *vespera!*» E aí do que refila: apanha uma lição de equitação pelas narinas que até vai chamar Anas-tácio ao bisavô. A *bicha* de espectadores, piores do que uma bicha, dá duas voltas ao monumento dos Restauradores. Até foi necessario criar um novo regulamento de transito.

No Politeama tambem anda ban-zê, sem contar com o que o Flavião faz nos ensaios: o Luis Pereira diz a todos que deixem falar o Castelo Lopes, porque ele é que é *O Rei dos Reis*; por seu lado, o Castelo Lopes afirma que *O Rei dos Reis* é o Cecil de Mille. E quem quizer ouvir mestre Avelino ouvirá afirmar que *O Rei dos Reis*... é uma espiga para o legendista. Mas, como a *gala* não lhes deu galinha, o *sô Pereira* calará-se-ha-se e todos eles calarão-se-hão-se.

O O'Donnell pensa em rifar, num mesmo lote, o Sabino, a *Paramount* e a *barbicha* do Levy, dando a orquestra de borla a quem lhe comprar sessenta e tantas rifas.

Só o Central prossegue mudo e quedo, com o *Metropolis* atravessado no gasganete.

Retardador.



—Se o apardio...

AS NOSSAS ENTREVISTAS

A suavidade da lingua portuguesa e o que sôbre ela nos disse uma poetisa brasileira

Chegou ante-ontem a Lisboa, vinda no *Arcona*, a poetisa brasileira D. Juliana Doupé do Monte, que foi hospedar-se no Hotel Luso-Brasileiro, ao Poço do Borratem.

Tratando-se duma grande admiradora das belezas naturais do nosso país, que bem conhece, pois nos visita pela terceira vez, procurámos entrevistá-la para o *Sempre Fixe*, o que conseguimos depois de removidas algumas dificuldades.

D. Juliana, cujo corpo é uma perfeita *escurtura biba*, como dizem os crezeiros da Maia, ás nossas primeiras perguntas sôbre os fins da sua nova viagem a terras de Portugal, respondeu-nos:

—Matar saudades durante alguns meses, que aproveitarei realizando algumas conferencias literarias. Em todas elas—a gratidão a isso me obriga—enaltecerei o valor e a suavidade da lingua portuguesa...

E nós atalhando, como quem estende a *mangureira*:

—A proposito. Falou V. Ex.^a na lingua portuguesa e o *Sempre Fixe* sentiria dobrado prazer registando a valiosissima opinião de V. Ex.^a acerca do gesto do sr. dr. Octavio Mangabeira. Quere responder?

—Gostosamente. A atitude do ministro das Relações Exteriores do Brasil é merecedora de todos os encomios possiveis e imaginaveis. Eu, pela parte que me toca, e bem modesta ela é, tive já occasião de falar dêsse alevantado gesto do dr. Mangabeira, em duas conferencias que realizei, perante um auditorio feminino, selecto e numeroso, no Centro Sufragista de Juiz de Fôra.

E D. Juliana, sacando para fôra da maleta um exemplar do *Porvir*, de Juiz de Fôra, diz-nos:

—Vou-lhe lêr algumas passagens duma dessas conferencias. Quere ouvir?

—Com todo o prazer.

E dispuzemo-nos a ouvir essas passagens (tudo é preciso nesta vida), enquanto, ao lado, um criado de quarto—o Zéquinha da Pensão—cantarolava com trinados afeminados, imitando a Adelina Fernandes na *Mouraria*:

*Por um homem eu dei a vida
E o que tinha de mais meu;
Hoje, sou uma qperdida,
Não dizem quem me perdeu.*

Ouvimos, atentamente, a leitura do *Porvir* e, obtida a autorização da illustre poetisa, passamos a transcrever as passagens mais interessantes dessa conferencia, a que D. Juliana Doupé do Monte deu este sugestivo titulo: «A suavidade da lingua dos

portugueses, seus encantos e primores».

E passemos á transcrição:

«A lingua portuguesa, senhoras sufragistas de Juiz de Fôra, foi para mim, que a conheci bem de perto, bem junto a mim, como que uma frondosa arvore que nos dá a sua agradável sombra, nos oferece os seus frutos e nos faz provar o néctar delicioso que dela dimana e nos embriaga. E, porque assim é, eu direi a V. Ex.^{as}, illustres combatentes dos direitos dos homens, que serei sempre escrava da lingua portuguesa, pelo bem que ela me proporcionou.»

«A lingua portuguesa ensinou-me a viver, a amar. Que belesa de lingua, a lingua dos portugueses. Bela é, bela será. Bemdita ela seja entre todas as linguas. Tudo pode secar, fontes, lagos, rios, até o Oceano, menos a lingua portuguesa, que conservará sempre a sua frescura.»

«Onde é que existe lingua como a dos filhos de Portugal, a terra mais formosa que meus olhos fitaram? Eu, senhoras sufragistas de Juiz de Fôra, porque muito tenho viajado, conheço a belesa suave da lingua oriental, conheço as linguas da Europa inteira, pois cruzei o meu olhar com os olhares do mundo, mas só na lingua portuguesa eu encontrei toda a belesa, todos os pormores, a autentica suavidade e frescura. A lingua portuguesa é um paraizo para os sãos, uma cura para os doentes. É uma lingua de poetas, cuja suavidade e frescura nos faz sentir o amor, e embriaguês. É uma lingua que nos enfeitica, levando-nos ao auge da animação e da ventura, lingua que Camões, o principe dos liricos, empregou nos seus amôres com Natércia...»

E basta de transcrição. Para bem se avaliar da importancia da conferencia da illustre poetisa, nada mais é preciso.

D. Juliana, sempre num grande á vontade, falou-nos ainda durante algum tempo das belezas do nosso torrão notal, não escondendo o seu entusiasmo pelo gesto do sr. dr. Octavio Mangabeira.

Prestes a despedir-se, a nossa amavel entrevistada teve esta *formidavel* tirada:

—Diga, meu preclarissimo amigo, aos leitores do *Sempre Fixe* da minha admiração pela lingua dos portugueses, lingua que bateu, e ha muito, a dos franceses. O passado da lingua portuguesa fortaleceu-a, o presente mostra-se-lhe risonho e o futuro a glorificará.

Mario Quintela.



—Que mania você tem de só namorar viuvas!...
—É a unica maneira de não levar uma sova dos maridos...

O Manoelsinho da Parede

Havia na povoação da Parede um casal que tinha um filho unico que dava pelo nome da Nanoel, a quem os babados pais chamavam com toda a melguice *Manoelsinho*, cabendo-lhe melhor o nome de Manoelsão, porquanto o rapaz, que apenas tinha cinco anos mas que parecia ter doze, era avantajado de fôrmas, macrocefalo, as pernas em fôrma de arco de pipa, bochechas proeminentes, córadas, retezadas como os balões de brinde, as frente. Tinha muita semelhança com beicolas grossas e atiradas para a um orangotango que eu vi no Jardim Zoologico. Não olhava fixamente, antes pelo contrario, conservava, quando se lhe dirigia a palavra, os olhos fitos no chão. Feito, portanto, o retrato do menino-abôrto, vamos ao caso.

Os pais do Manoelsinho-Manoelsão, como é natural, não viam outra coisa e tenho até a certeza de que o achavam muito bonito, muito engraçado e até elegante.

Entre varias familias que frequentavam a casa dos pais do Manoelsinho-Manoelsão, havia uma que só affa nos dias festivos ou nas datas convencionais, metodicamente, com quem cumpre com rigor um encargo, o Novo Ano cheio de prosperidades, as Boas-Festas, em Junho, mês das fogueiras, o cinco de Outubro, o Natal, etc.

O chefe da referida familia era conselheiro, tinha pèra e usava colarinho e punhos de borracha com botões d'osso de chifre de baleia.

Pois o conselheiro foi cumprimentar, mais a familia, os pais do Manoelsinho-Manoelsão. A meio da conversa, o conselheiro, dirigindo-se ao menino-abôrto, perguntou-lhe:

—O Manoelsinho, de quem é que gosta mais? Do papá ou da mamã?

O chambarrão, baixando a tromba e fixando as táboas do soalho, respondeu com voz de baixo:

—Gosto d'assorda!

M. A. Caco Velho.

AS MELHORES CEIAS

são as da **PENINHA**

Os melhores jantares ao domicilio

são os da **PENINHA**

67, Rue Pascoal de Melo, 60

Telefone Norte 5582 (4 Estalonia)



Como um marido ciumento evita que a mulher dançasse num baile de mascaradas...

Inventos portugueses para este ano

Dizem os jornais que um mecânico alemão inventou uma bicicleta própria para subir ás arvores. A noticia sobressaltou o portuguezinho engenhoso e tanto assim é que já, á bôca pequena, se conta o que vai ser este ano bissexto que corre em materia de inventos exquisitos. É natural que em volta do assunto se faça um natural sigilo, mas ele não é tão grande que não se saiba já de alguns.

É indispensavel que se saiba que, principalmente em Portugal, os inventos não apparecem assim, espontaneamente, sem ser esperados... O portuguezinho caprichoso sabe de antemão o que pretende inventar, para que não falhe o rifão popular *antes de ser já o era...*

Levaremos, pois, uma pontinha do ven sobre as invenções em perspectiva.

Rochea Martins anda a inventar a maneira de não escrever um romance por dia.

A parceria literaria do Café Chiodo anda a ver se consegue realizar um concilio na sala dos azulejos, para acabar com o peccado que por ali paira e onde o comandante Mendes Cabeçadas continua dando cabeçadas politicas e o anti-israelita Mario Saa, com as suas gargalhadas repenicadas, vai acrescentando mais *aaa* ao seu apelido, para lhe dar um ar remoto.

Alberto Sousa, o aguarelista illustre, vai conseguir inventar no Alentejo uma terra que ainda não tivesse pintado.

O dramaturgo Afonso Gajo está em vespuras de escrever uma peça que dê ao menos duas enclaves seguidas. Só lhe falta a forma de lograr esse prodigioso invento.

Matos Sequeira parece que inventou já o processo de escrever alguns livros de arquiologia com os versos das suas revistas.

Alguns jornalistas desempregados, vendo que *O Povo* os abandona, tiveram o condão de inventar um alimento feito com promessas e solidariedade. Vai ser mais um novo pudim social.

Rui Coelho descobriu um sistema de escrita musical que lhe permite fazer semanalmente operas, tudo por protagonistas tocas as *vidas resistíveis* de freiras já falecidas!

O antigo director da Policia de Investigação Criminal, João Eloi, descobriu uma nova doença de *cidade*, cuja sanção penal consistirá em fazer comer, os atacados por ela, pele de cobra ainda viva guizada em vaselina, seguindo assim a fórmula: *ferida de cão cura-se com pelo do mesmo cão...*

Eis o que este ano nos reserva. Muito ha de ver quem viver! A não ser que se invente tambem a forma dos mortos verem tambem! Votar, já eles tem votado e bastantes vezes... Schmil!

Um coscovilheiro.

O BOATO



Não tendo pes nem cabeça, causa umas soltozarias que o bilho de seis cabecas...

O SUICIDA

Agapito Rodrigues, funcionario publico, 45 anos de idade, mulher, dezete filhos e seiscentos escudos por mês, não podendo mais suportar a penuria do lar, resolveu dar cabo do canastro.

No domingo passado, ia ele por alturas da Rocha do Conde de Obidos, quando encontrou o Ulisses Proença, funcionario tambem e, como ele, detentor de mulher, muitos filhos e grande abundancia de falta de massas.

— Adeus, Ulisses—exclamou o Agapito.—Deus te proteja!

— Adeus, ó Agapito!... Mas que tens tu?... Que formidavel cara de enterrol!

— Adeus, dá cá um abraço. Vou suicidar-me.

— Ouve cá, ó Agapito; tu já atentaste alguma vez contra a existencia?

— Eu não! É a primeira vez.

— Pois olha que isso do suicidio não é tão facil como tu julgas...

— Hom'essal! Não posso mais suportar a vida.

— Tambem eu não. Mas a morte está-se nas tintas... Em lhe cheirando a funcionario publico...

— Homem, não digas isso!

— Olha! A primeira vez que atentei contra a existencia foi na Pórcalhota. Tinha visto no teatro Principe Real a «Dôr Suprema» e comprei um fogareiro. Enchei-o de carvão de sóbro, carqueja e das minhas sessenta desilusões. Fechei portas e janelas, calafetei o buraco da fechadura e fui-me deitar, á espera da Morte. Qual Morte! Quem appareceu daí a pouco, á trolha a mim, foi a minha sogra, que, com dois pontapés, arrombou a porta e apagou-me o carvão.

— O suicidio em casa é o diabo!...

— Qual! Duma outra vez, subi até ás «aguas-furtadas» do Francfort Hotel e deitei-me dali abaixo nas horas de estalar. Fui cair nos braços dum policia sinaleiro, que fez parar duzentos taxis e arrastou-me ao Grande Tribunal dos Pequenos Delitos, onde paguei dois mil escudos... fóra os cascudos que levei no caminho!

— As alturas causam vertigens.

— Duma outra vez, quiz deitar-me ao Tejo. Recolhi ao «Hotel do Pi-

nho» e preparava o salto quando um guarda fiscal me prendeu e, ciniicamente, me chamou: «pirata da praia!»

— Tu, Ulisses!

— Tolices? Foi assim mesmo. De uma outra vez, fiz uma conferencia na Sociedade de Geografia. Falei, estás a ver, sobre os paineis de S. Vicente, e disse que eles tinham sido pintados pelo sr. Cunha Leal e que a figura central do celebre poliptico não era nem D. Afonso V nem D. Catarina de Vilhena; era simplesmente o anão do Grandela... Os criticos, á saida, iam-me desazendo á cacetada. O Afonso Dornetas deixou-me a cara numa cruz... vermelha! Estava quasi morto, mas o Ferreira do Amaral mandou sair o piquete do Nacional e o chefe salvou-me! Raioz o partam!

— És um poço de sorte!

— O mais interessante é o resto. Um dia fui ao convento das Trinas arranjar um cartão de identidade para a sopeira. Com o cheiro a protoxido de suor de galego, que all existe, começo a sentir fortes dôres de cabeça, tonturas e zás—caio sem sentidos. Sou levado para o hospital e vou parar á morgue. Despojam-me do fato e estendem-me na pedra fria. Já viste o olhar dum morto?

— Não me arrepies, ó Ulisses!

— Pois, ás duas da manhã, acordei, cheio de medo. Os serventes roncavam no cubiculo.

— Ai, Ulisses, que pavôres!

— Os mortos, de olhos esgazeados e de cabelos em pé, olhavam para mim, como se fossem senhores a quem pagassem rendas antigas. Puz-me a apalpar o corpo. Estava quente. Vesti a farpela dum dos serventes e fugi. Chego a casa e encontro a mulher, a sogra e os vinte filhos menores a dançarem o Charleston em cima duma posta de bacalhau... pôdre! Coitados! Resolvi não morrer, e cá vou vivendo com os seiscentos escudos e com os milhões de microbios da Companhia das Aguas...

— O menino, nunca julguei que a morte nos fizesse tantas negaças!

— Experimenta, e verás.

Ziulinho.



— Estava capaz de oferecer uma charuto a teu pai.
— Meu pai não fuma; oferece antes a minha mãe.

Elevador da Gloria

Os meus trinta anos dão-me autoridade para escrever, com a rapidez dum telegrama, alguns trechos das minhas memorias.

Não mostro ao leitor, como o sr. Antonio Cabreira ao visitante dos seus astronomicos Paços das Taipas, o cueiro, as fraldas e os paninhos de renda do baptismo. Seria enternecedor! Tambem não vou recordar os sacrificios á causa, como revolucionario do 5 de Outubro, um dia depois... Como não tenho relógio, nunca ando atrasado e, muito simplesmente, confesso que a Patria me ignora, assim ella ignorasse muitos tratantes de taludo respeito. Mas como as praças publicas já estão cheias de estatuas, espero que não haja nenhum outro a consagrar, por dificuldades de armazenagem na via publica. Para recordar o que nos esquecemos não ha melhor de que desfolhar um destes calendarios de bloco, onde se lê uma quadra e uma legenda historica. Dei-me ao trabalho com um do ano passado.

Assim:

«1888, 9 de Janeiro—Realiza-se o primeiro casamento civil, em Faro.»

Hoje, um acontecimetno destes já não dá uma efemeride. As desgraças são diarias.

«1835, 13 do mesmo mês—Francisco I decreta a abolição da imprensa e proibe a impressão de livros.

A nota está actualizada. Outro:

«1826, 4 de Março—D. João VI adocece com uma indigestão de laranjas, numa merenda em Belem.»

Se, naquele tempo, o consumo de laranjas era grande, hoje não é menor. As fotografias desses esplendidos frutos abundam nos jornais.

«1915, 22 de Abril—Decreto concedendo uma amnistia a todos os presos politicos.»

Não sabemos se eram republicanos, se monarchicos.

«1916, 27 de Abril—Chegam a Lisboa e á Guarda os emigrados politicos Azevedo Cortinho e João Almeida.»

Ao mesmo tempo e em sitio diferente?

«1915, 7 de Maio—Chega a Lisboa o sr. Paiva Couceiro, acompanhado do padre Domingos Pereira.»

Esta nota tambem pode ser do ano passado.

«1915, 22 de Julho—No teatro de S. Carlos começa a discutir-se a questão das subsistencias.»

Começou e nunca mais acabou. Ainda hoje dura!

Preto com escuro



— O preto, alarga o passo! Olha que se a escuridão chega, eu perco-lo de vista...



O morto-vivo

Um sujeito, sentindo-se muito mal, mandou chamar o medico, que morava ao lado de sua casa.

O receio da despesa, mais do que a propria doenca, vincava-lhe no rosto um rictus de tragedia, porque ele vivia e sustentava a familia estritamente do seu ordenado.

Veiu o medico nesse mesmo dia, viu-lhe a lingua, auscultou-o e deu-lhe pancadinhas amigaveis na barriga, retirando-se pouco depois, não sem ter deixado a familia inconsolavel por estas inquietantes palavras:

— Está pronto! O coração não aguenta mais do que dois ou três dias!

Com efeito, três dias depois, o homem morria.

Entre grandes soluços e grandes diluvis de lagrimas, a familia tratou dum enterro modesto, tão modesto como ele tinha sido em vida.

Mas, quando já estava a carreta á porta e o padre e o acolito para encomendar o cadaver, uma ironia cruel do destino faz o milagre da ressurreição e o homem, esfregando primeiro os olhos e abrindo depois a boca, começa a mexer-se.

A familia e os convidados, alarmados, chamaram o medico a toda a pressa.

Feito um rapido exame, o medico opina que é necessario fazer-se uma operação e, como não é operador, chamará um colega.

Vem o dr. Gualdino do Rego que, pouco depois de ver o enfermo, confirma:

— O meu colega tem toda a razão. O senhor necessita de fazer imediatamente uma operação.

O ressuscitado, abrindo então uma fresta dum olho e já conformado com a ideia de fazer a operação, mas ainda receoso do preço que o celebre cirurgião levaria, volta-se para ele e pergunta a custo:

— Oh! doutor, quanto leva pela operação?

Flegmaticamente, o cirurgião responde:

— Cincoenta contos, meu caro senhor...

Então o morto-vivo, lançando um olhar sugestivo para a mulher, agita-se no caixão e exclama:

— Siga o enterro...



homenagem dum vencido

B O T E L H O

ALMADA NEGREIROS

APOSTA GANHA

O Januario andava fule! Na sua quinta dos arredores de Lisboa, onde morava com sua esposa, uma rotunda dama de modos secos e fôrmas avantajadas, era certo umas noites por outras apparecerem vasos de plantas tombados ou partidos, a torneira do tanque aberta e até uma pequena nespereira, em cujo futuro o Januario depositava uma inabalavel esperança, lhe surgia uma bela manhã transpiantada descuidadamente para sitio diametralmente oposto.

Aquilo, assim, não podia continuar. Não eram decerto gatunos, visto que nada desaparecia, mas aquelles disturbios praticados por quem lhe desejava mal pareciam até obra do demonio.

E no club da terra, onde ás noites se entretinha com varios amigos, contou por vezes a estes os factos que o traziam deveras apreensivo.

Riam á sucapa os companheiros do Januario e, passadas algumas noites, era certo ele contar outra proeza praticada por mãos desconhecidas, enquanto dormia.

— Ah! que se calha lá ir alguem em noite que esteja de sentinela, deito-lhe uma aza abaixo. Oh! se deitot!

Mas não deitava, porque o Januario, sem desconfiar que eram esses mesmos amigos os autores da partida, cde proprio muito naturalmente confidenciava em que noites se propunha ficar de plantão ás couves e aos malmequeres...

Porém, uma noite entra radiante na Assembléa e declara convicto:

— Acabou-se o pagode lá na quinta. O primeiro que se atrever a entrar lá de noite vem, na melhor das hipoteses, com 125 gramas de carne a menos num certo sitio!

E designou, em legitimo português, qual era o sitio atacado.

— Lá a minha patrão conseguiu que as criadas do dr. F..., que foi para as aguas, lhe emprestassem os dois cães de guarda, que são duas verdadeiras feras, isto enquanto não vem um da Serra da Estrela, que me prometeu um amigo de Santarem. Agora é que eu quero ver quem são os valentes que se atrevem a evadir-me a propriedade e a estragar o que lá tenho. Sempre quero ver!

— Olha, Januario — responde um que até ali estivera calado a conter o riso — é uma questão de aposta, porque agora era eu quem lá ia!

— Tu?! Estás a gracejar! Nem eu queria semelhante coisa, para não ter que lamentar alguma fatalidade...

— Aposta 100 escudos em como dentro de um mês lá irei e não te preocupes com o que possa succeder-me.

— Pois bem, amigo Martins — contesta o Januario, absolutamente confiante na espezteza e ferocidade dos cães do dr. F... — aposta feita, mas quem perder, paga, hein?

E esfregou as mãos, satisfeito...

Passaram duas semanas. O Januario, a rir, ao jantar com a cara metade, até já dera anticipadamente applicação aos cem paus da aposta, quando uma manhã, antes de vir para Lisboa, deu uma volta na quinta. Ficou aterrado!

Um banco de pernas ao ar, alguns vasos tombados e, dentro da capoeira, donde tinham voado seis galinhas, um enorme catrapacio, onde se lia em largos caracteres:

«As seis galinhas que faltam levei-as como penhor dos 100 escudos que ganhei.»

Martins...

— Mas então para que servem estes malditos cães? — lamentava o nosso homem, com os olhos esbugalhados no cartaz da capoeira!

O Martins, para ganhar a aposta, introduzira uma linca cadela predigreira na quinta do Januario, e os cães, entusiasmados com a inesperada visita, jamais se lembraram do papel de guarda que o destino lhes confiara na propriedade de S. Ex... ..

Nunca chegámos a apurar se o Januario percebeu como aquilo foi arranjado. Agora o que posso afirmar é que resgatou os galinacos com a importancia da aposta.



— Depois que me sucedeu aquelle desastre nunca mais joguei em clubs.
— O que lhe aconteceu? Arruinou-se?
— Não, cai dum «combolo» á «linha»...

BOM HUMOR

No restaurante:
O patro: — Se o senhor não paga a conta, chamo um policia.
O freguês: — Ah! Mas você acredita que ele a pague?...

O policia, após a captura: — Venha comigo! Vai contar tudo isso ao commissario...
— O commissario de policia... sou eu!

Após o comício:
— Nunca me cause de o ouvir. Ontem escutei-o durante três horas.
— O que é que ele disse?
— Isso, amigo, e perguntar demais...

Ela, feia: — Que grande namoro. O José esteve todo o espectáculo a olhar para mim. Nem pestanejou.
Ela, bonita: — O pobre homem devia ter sofrido uma grande indigestão...

O moço, tentando meter-se na conversa: — A senhora padece do estomago?
— Não, nunca padecei.
— Que pena, tenho um remedio tão bom!...

— Então, Joanito, divertiste-te muito no carnaval?
— Não tanto como o Tonio! O medico foi vê-lo todos os três dias...

No armazem de modas:
Ela: — Deixei o meu marido nesta secção ha uma hora. Não o viu?
O empregado: — Um com uma cara muito vermelha?
Ela: — Sim, mas agora deve estar branco, de raiva!...

Ela: — Miseravel! Onde vens?
Ele, tremelicante: — Dou-te... a... minha... pala...vra... de... honra... que não venho da... ta...ber...na...

Na loja:
— Os barometros são bons?
— Esplendidos! Minha mulher teve hoje uma crise de lagrimas logo que os meus aparelhos indicaram: «chuva intensa».

A ultima do «Redondo»

Um jornal de segunda-feira publicava, com o titulo Quem achou?, a seguinte noticia:

«Uma senhora de familia dum nosso companheiro de trabalho deixou ha dias, por esquecimento, dentro dum ataxi, uma saia de seda, a qual pode ser entregue na secretaria deste jornal.»

Esta de perder uma saia recorda aquela do homem a quem a mulher, vendo-o sem cuecas, lhe pergunta, indignada:
— Que fizeste ás cuecas, patife?
— Ora vê lá como eu estou magro! Deixei-as cair no meio da rua... e não dei por isso!...



— O quê? Estás na cama, quando o medico te recomendou o maximo movimento?
— Por isso mesmo. Só hoje já caí seis vezes.

A NOVELA DO "FIXE"

GRANDE E HORRIVEL CRIME

O sr. Silvino da Silva Leite era muito desconfiado. De genio impetuoso, irascivel, a sua colera explodia a minima suspeita, a menor desconfiança. Não se demorava a profundar razões ou fundamentos. Guiava-se pelas apparencias.

Mas quasi sempre tinha de arrepende-se deste seu genio violento, irreflectido, tempestuoso.

Sua esposa, a D. Barbara, farta de lhe ouvir barbaridades, evitava o mais possivel contrariá-lo.

Mas era tão grande o numero das coisas que desagradavam ao marido, que a sua existencia era de perpetuas, de constantes contrariedades.

Como todas as senhoras, tinha as suas predilecções, as suas preferencias, as suas manias. Por infelicidade, com quasi todas o Silva Leite não transigia.

Ela, a principio, ainda tentou, ainda insistiu; mas o Leite irritava-se, punha-se rubro, subia-lhe a mostarda ao nariz.

Ora o Leite com mostarda é na verdade uma coisa detestavel. E ela resignou-se e viver sempre contra-feita.

Só havia uma coisa, um capricho mais forte do que os outros, que ella não conseguira nunca pôr de parte: a sua predilecção pelos gatos.

Mas logo por azar o Leite não podia tragar os gatos desde que uma vez o tinham feito comer gato por lebre, num restaurante fóra de portas.

D. Barbara via-se, portanto, forçada a distribuir os seus carinhos pelos gatos da vizinhança e pelos que encontrava na escada e lhe vinham depois constantemente rondar a porta, ao cheiro da sua generosidade, manifestada sob a fórma de appetitosos carapaus.

Ora, um dia, a fatalidade—tomando a fórma de uma amiga de infancia, ausente ha muito no estrangeiro—trouxo-lhe no regresso, de presente, um lindo gatinho branco um angorá.

Um daqueles gatinhos felpudos, quasi novo de algodão, que deixou a D. Barbara encantada.

Recusar a oferta era superior ás suas forças.

Lutou consigo mesma, mediu os prós e os contras de tão grave resolução, mas decidiu-se. Sim, o gatinho branco seria o seu pendão de revolta, o primeiro grito, o primeiro passo no caminho das reivindicações domesticas.

E o gato ficou.

Estava já D. Barbara repassando in mente os argumentos com que iria sustentar a sua attitude, quando a campainha fortemente relinuiu. Era o bater do Leite. O gatinho, prevenido talvez a grande tragedia que a sua presença ia fazer desabar sobre aquele lar sereno e calmo, miou triste, desoladoramente.

O tinar da campainha e o miar do gato ecoaram assim tragicamente no coração de D. Barbara. E toda a sua

coragem ruu pelos alicerces, já de si bastante frageis.

Então, de alma oprimida, numa afflicção subita, numa azafama, pegou no gato—no seu crime—e, depois de longa e atarantada indecisão, foi escondê-lo no guarda-fato.

E ficou esperando, ofegante, como nos lances de cinema, um grande rubor na face a respiração precipitada, marcando-lhe o descompassado bater do coração.

O Leite, ao entrar, desconfiado como sempre, estranhou logo a sua attitude embaraçada.

E quiz logo saber-lhe a causa.

—O que tens?

—Eu... nada... não tenho nada.

—Ah! isso tens... vê-se logo.

—Vê-se aonde? —fez D. Barbara, affeita e olhando o guarda-fato, no vago receio de que o gato tivesse ficado escondido com algum bocado de fóra.

Mas nisto o animal, pouco habituado a semelhante reclusão, teve tambem o seu primeiro gesto de revolta e, trepando pelo recheio do guarda-fato, fez cair um dos cabides.

Ao ouvir um tal ruido, o Leite, que já estava a levantar frevura, não se conteve:

—Bem me queria parecer! Aqui ha coisa! Tu engonas-me! Aqui ha qualquer coisa! Aqui ha gato...

—Mas como soubestel—gemeu D. Barbara, traíndo-se, já quasi desfalecida.

—Confessas! Eu bem dizia. Eu nunca me enganei. Mas isto não fica assim.

E fóra de si, pegou no revólver que tinha sempre á cabeceira, olhou numa alucinação para todos os can-

tos do aposento, louco de raiva, de colera, de indignação, e, vendo umas botas sob a cama, disparou o primeiro tiro.

Mas constatou immediatamente que as botas eram suas. Por sinal, eram novas, o que mais o exasperou.

Entretanto, o gato, assustado com a detonação, fez cair outro cabide.

—Ah! está ali no guarda-fato! —bradou numa furia otelica o Silva Leite.

E, sem mais preambulos, despejou o resto das cargas contra o movel, onde o gato, sob um monte asfixiante de casacos e de sobretudos, miava de susto e de afflicção.

D. Barbara, encostada a uma humbreira, teve apenas esta frase:

—Ai que grande desgraça! Matas-te-o com certeza!

E caiu inanimada.

O marido não precisava de ouvir mais. Saiu correndo e decidido a entregar-se ao primeiro policia de serviço.

Mas, como agora só se encontram sinaleiros, ai pelas alturas da Avenida, dirigiu-se ao que estava a regular o transito e declarou num ar de final d'acto:

—Venho entregar-me!

—Agora não pode atravessar. Só com o amarelo.

—Venho amarelo? Não admira. Depois duma scena destas...

—Agora não é para peões—respondeu o guarda distraído.—Agora é encarnado.

—Agora estou encarnado? Talvez; rubro de colera!—tornou o Silva Leite.

—Atravesse agora!—volveu a civico.

O Leite obedeceu, admirado pela

indiferença do policia, e seguiu, decidido a parar só na primeira esquadra que encontrasse.

Na sua mente perpassavam frases sem nexos, ideias tetricas, visões de sangue e pesadelo.

Nesta ordem de ideias, ou melhor, nesta desordem de ideias, chegou á esquadra.

Ia a entrar, mas o policia de sentinella perguntou-lhe o que queria.

—Venho entregar-me.

—A quem?—perguntou o guarda.

—A policia.

—Então está preso.

—Muito agradecido. E' exactamente para isso que eu venho cá.

A esquadra estava cheio de presos por varios delictos. Levaram-no á presença do cabo.

—De que é acusado?—começou este, já farto de fazer partes.

—De coisa alguma, por enquanto.

—Então o que é que o senhor vem cá fazer? Julga que nós estamos aqui para brincar aos policias e ladrões. Vá-se embora.

—Mas perdão, é que eu acabo de cometer um crime.

—Isso é outro crime. Então está preso.

—Ora muito obrigado.

—Não por isso. Como se chama?

—Silva Leite.

—Conto lá a occorrença.

—Nem sei como hei de contar.

—Isso o melhor é pelo principio. Mas depressa, que o chefe está á espera.

—Sim, senhor; eu estava, ou melhor eu fui...

—Mau, então o senhor foi tu já estava; parece-me que o senhor é que não está bom.

—E' que nem sei como o relatei; eu fui para casa e verifiquei, sim, não sei como dizê-lo, verifiquei que estava... armado... compreende?

—Compreendo, e não tinha licença. Está multado por falta de porte d'arma.

—Não, não é bem isso; vi que tinha sido enganado, que o adulterio tinha sido consumado... e então, com dois tiros, dois ou mais, eu nem os contei, matei o cumplice... e aqui estou para me entregar á prisão... compreende?

—Sim, senhor. Vai ao chefe juntamente com os outros presos.

E foram. Os presos eram muitos. O chefe, já pronto para sair, perguntou ao cabo de que eram acusados.

O cabo, tambem com pressa de raspar-se, foi desfiando o rol e chegou por fim a vez do Silva Leite, que era o ultimo da bicha.

—E aqui está este sr. Leite... adulterado...

—Leite adulterado, val para as Transgressões.

E saiu.

O Leite saiu tambem desiludido.

E' que não havia maneira de ninguém tomar a sério aquele grande e horrivel crime.

A. C.

!! Não queira ficar assim !!
USE A VITELINA-VITERI
TONICO AMARELO
 Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 8800
 Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.-Lisboa



O commerciante, á tia que vem pagar a ultima prestação do carrinho do sobrinho:—E o menino como está?
 A tia:—Aqui o tem.



—Mãe, ha quantos anos és casada com o papá?
 —Ha quinze, pelo menos.
 —Deves ter um pessimo advogado...

—A tua mulher é «fausse maigre»?
 —Não. E antes fôsse «maigre».



O maior «récord» profissional... e amador...

A crítica do match Benfica-Belenenses, publicada no jornal *A Voz* sob o título *Pedibola*, era muito mais interessante de que o proprio match. E tanto que, sem comentários, reproduziremos alguns dos seus trechos:

«Ontem, por exemplo, tivemos varias camadas de directores, dirigidos, digerentes e digeridos, acima e por traz de nós a servir de parede; dos lados, illustres representantes da Armada e do Exercito, o que dava ao haú um aspecto belicoso, proprio do prelio que no esferodromo se tratava, e aos nossos pés, sentados quasi sobre eles, individuos de varias categorias sociais, que serviram de *couvre-pieds*.

Como a temperatura estava baixa, não pode dizer-se que esses individuos não tivessem realizado uma alevantada obra de solidariedade humana.»

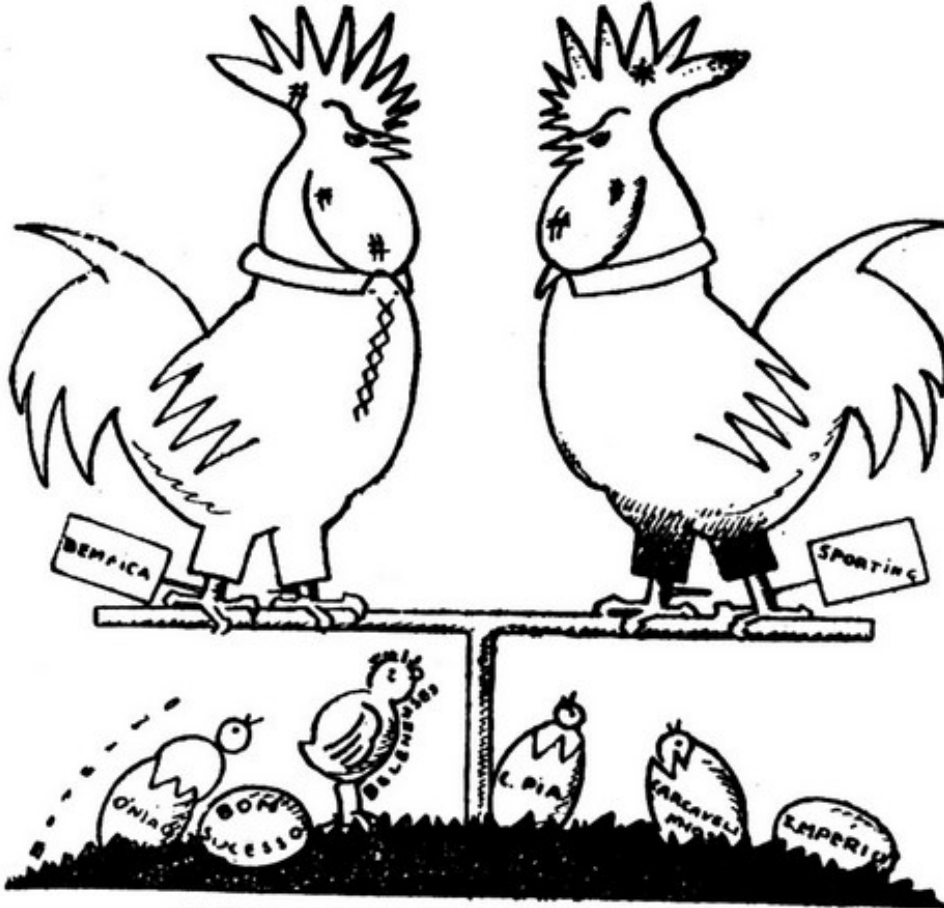
«O jogo foi renhidamente disputado e forneceu fases de grande emoção e, por consequencia, de grande perigo para os cardiacos partidarios dos dois grupos.

O primeiro tempo decorreu com leve vantagem territorial e tecnica dos Belenenses. Apesar disso, foram os benfiquistas quem marcou, por intermedio de Crespo, com um chute de recarga a uma defesa apertada do porteiro belenense. Um golo sem belesa e sem arte, um daqueles golos que irritam e enervam.»

«Os benfiquistas passaram á categoria de espectadores. A bola executou constantemente coreografias macabras deante da porta benfiquista, mas só a transpôs uma vez. Se a tivesse trespassado, pelo menos, três vezes, é que estava certo.»

Haverá algum leitor que não tenha gostado?

Na vespera deste sensacional desa-



COMBATE DE GALOS O que ficou da ninhada deste ano...

fiu, correu o boato de que Zabala alinharia de novo pelos Belenenses. A atoarda não se verificou, e deste modo se não poudo estabelecer um novo *récord* mundial. Expliquemos o termo *récord*:

Dizem que o rapaz recebeu uns tantos escudos para não jogar um desafio. E' evidente e logico que, para voltar a jogar, ha de receber uns outros tantos escudos. Depois: tornará a receber para não jogar — e assim sucessivamente...

Ora os profissionais britanicos do *foot-ball*, como de resto os profissio-

nais do continente — incluindo os amadores — recebem dinheiro para jogar.

Logo, desde que um amador dos nossos receba, ao mesmo tempo, dinheiro para jogar e para não jogar, — Portugal terá batido, nesta materia, todos os *récords* do mundo *profissionais...* e até *amadores...*

Um *match* tradicional de *foot-ball* realiza-se todos os anos entre a *equipe* dos policia da cidade brita-

nia de Leicester e um *team* mixto dos estudantes de teologia e dos novos padres dessa antiga e encantadora terra inglesa.

Mas, no fim do mês passado, durante a reunião do *comitê* organizador, o comandante da policia declarou opôr-se á *efectivação* do desafio, declarando:

«No ano passado, mais do metade dos meus homens ficaram aleijados. E estiveram quinze dias de licença forçada... Não quero que isso volte a succeder este ano!»

Um dos veneraveis conegos da catedral de Leicester, *canon* Lendwood Wright, esforçou-se por arranjar uma plataforma:

«Não temos o direito de privar os habitantes de Leicester dum espectáculo que os apaixonam — e ainda menos o de privar os pobres da cidade das receitas obtidas.

«Mas se o illustre comandante da policia quizer consentir o desafio, eu comprometo-me, em nome dos estudantes de teologia e dos jovens sacerdotes, a que a sua *equipe* não tratará muito mais os *policemen*...»

As coisas estão neste pé, e não se sabe ainda se o comandante da policia autorizará os seus homens a afrontar os temíveis e demasiados tratará muito mal os *policemen*...»

Mas o que fica demonstrado é que os piedosos representantes da veneranda Igreja Anglicana gostam de fazer a barba sem sabão aos defensores da ordem e da segurança publica.

E o *maire* de Leicester devia tirar como conclusão o seguinte:

E' preciso inventar os papeis!

Alistar todos os estudantes de teologia na policia — e preparar para o sacerdotio todos os actuais *policemen*...

Num exame de instrução primaria: — «Qual é o caminho mais curto entre dois pontos?» — «Lindbergh!»

Rebola-A-Bola.



— Vamos beber um copo de vinho?
— Não; faz-me muito mal.

— O viuho não faz mal a ninguem!
— Isso dil-o tu.

— Um cavalo prefere a agua ao vinho...
— Claro, porque é burro!

PROPORÇÕES



—Ainda bem que os passarinhos andam por cima das arvores e as vacas pelo chão.

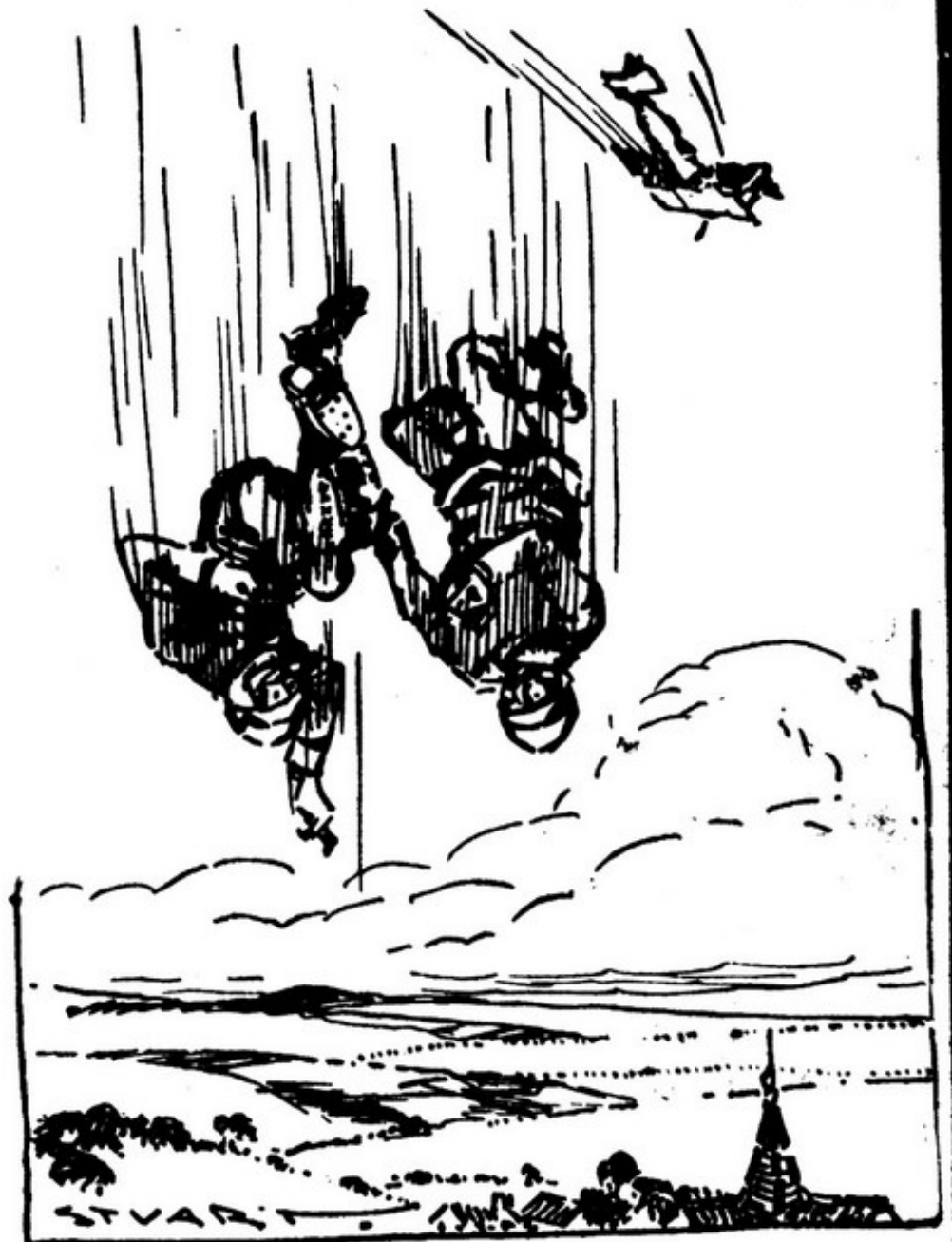


—Coitada! A mãe é tão grande que me dá a impressão de que lhe tapa o futuro.

DESCER



—Pois sim. Ha o rei do petroleo, o rei do aço, do ferro, etc. Pois eu sou o rei dos trapos.



—Ora agora é que eu quero ver quem é que chega lá abaixo em primeiro lugar.